



## **MAPEAMENTO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: Gestão da Informação**

**Eixo Temático: Gestão e Políticas da Informação**  
**Modalidade: Apresentação Oral**

Luis Felipe Rosa de Oliveira  
Dalton Lopes Martins

### **1 INTRODUÇÃO**

Ferramentas de busca especializada, hardwares de alto processamento, softwares de análise e organização de dados, redes sociais, mecanismos que emanam e capturam informações em alta velocidade. Estes são alguns exemplos do que o advento da tecnologia atrelada a informação nos trouxe. Facilidade, flexibilidade, velocidade... Benefícios que geram lucro, assertividade, previsões, precisão, e até poder nas mãos de quem os detém e sabe como utilizá-los.

Porém, com todo este aparato tecnológico e acima de tudo informacional, temos um problema que deve ser considerado com certa importância: o excesso de informações que gera um contexto caótico a todo processo de necessidade, busca e uso da informação.

Assim, surge a questão: Como tratar a informação de forma que se tenha precisão e o mínimo de ruídos possíveis, para que ela possa ser utilizada da melhor forma possível, gerando os resultados esperados?

A partir deste questionamento, percebe-se a importância de se estudar o Mapeamento do Conhecimento. Estudar este tema, é também estudar técnicas que possibilitam a síntese de grandes massas de informações complexas, capacidade que é intrínseca ao termo Gestão da Informação, sendo esse um dos motivos da escolha do objeto a ser mapeado.

### **2 MAPA DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO**

Definir mapa do conhecimento científico se classifica como uma tarefa pioneira por se tratar de uma tentativa de discorrer sobre um tema pouco estudado no Brasil e no mundo. Por isso busca-se a estruturação de uma metodologia de visão e estudo para a abordagem do assunto.



O fato de o mapeamento do conhecimento ser científico, minimiza a abrangência do objeto a ser trabalhado, e como tratado na estruturação deste trabalho, se foca em um cenário educacional, acadêmico, e científico por si só.

Segundo Klavans & Boyack (2009),

Em geral, um mapa da ciência, consiste em um conjunto de elementos, juntamente com as relações desses elementos. Quem podem ser campos científicos ou disciplinas, jornais, artigos, ou qualquer outra unidade que represente uma parte da ciência (2009, pág. 3).

O modelo de mapa apresentado no atual mapeamento, segue do mesmo princípio de Klavans & Boyack, porém, como tem a Gestão da Informação como objeto, em âmbito nacional e com estrutura baseada no conceito científico brasileiro que é formado pelos elementos: ensino, pesquisa e extensão.

O ato de mapear encontra sua importância quando, localizar e comunicar ativos potencialmente intangíveis como o conhecimento e a ciência se torna possível:

Mapas podem desempenhar um papel importante em comunicar a orientação para diferentes objetivos. [...] Mapas podem desempenhar um papel sutil na comunicação, onde as antigas e novas descobertas estão localizadas. [...] (KLAVANS & BOYACK, 2009, págs. 27-28).

### **3. GESTÃO DA INFORMAÇÃO**

#### **3.1 O QUE É?**

Segundo a visão de Marchiori (2002) em primeira instância, temos a GI mais focada nos processos que envolvem o indivíduo,

[...] a gestão da informação tem, por princípio, focar o indivíduo (grupos ou instituições) e suas 'situações-problema' no âmbito de diferentes fluxos de informação, os quais necessitam de soluções criativas e custo/efetivas (p. 75).

Já segundo a descrição de Ponjuán Dante (1998) apud Andrade et al. (2011), temos a GI em âmbito mais organizacional:

[...] a gestão da informação deve incluir, em dimensões estratégicas e operacionais, os mecanismos de obtenção e utilização de recursos humanos, tecnológicos, financeiros, materiais e físicos para o gerenciamento da informação. E conclui que dessa forma a informação poderá ser disponibilizada como insumo útil e estratégico para indivíduos, grupos e organizações (p. 65).

Em uma conceituação mais bruta e direta, temos o conceito de Barbosa (2008) sobre gestão da informação:



[...] a GI lida com o universo de documentos, dos mais diversos tipos, os quais são produzidos, armazenados e utilizados em um contexto organizacional [...] (p.112).

Baseado na amostragem de conceitos relativos à gestão da informação, é possível inferir que o tema se encontra em um meio situacional que envolve, a priori, o comportamento do indivíduo como ator informacional e o contexto organizacional como ambiente de atuação deste ator.

### 3.2 O QUE FAZ?

No manifesto de Marchiori (2002), é possível identificar a principal função de um gestor da informação:

[...] a função principal do gestor da informação é prover um serviço e/ou produto de informação que seja direcionado, funcional e atrativo [...] (p. 75).

Ainda na tentativa de definir o papel desempenhado pela GI, Moraes e Fadel (2007), referem-se a GI como um processo:

O processo de gestão da informação pode ser definido de diversas formas e em diferentes etapas, não existindo uma única maneira ideal de organizá-la. Elaborar um modelo de gestão da informação depende de cada caso, pois as necessidades, interesses, problemas, demandas etc., são próprios de cada organização (p. 75).

Em suma, pode-se definir, a partir das citações acima, que a GI possibilita a quem a utiliza, meios para o tratamento e utilização da informação e habilidade para gerenciar o ciclo informacional.

## 4 METODOLOGIA

O mapeamento realizado é de cunho acadêmico e nacional sendo estruturado em três pilares: Ensino, Pesquisa, e Extensão. Dentro destes foram realizadas abordagens que nos permitem enxergar qual a situação da Gestão da Informação no Brasil.

Foram utilizadas ferramentas para tratamento de dados em planilhas como o LibreOffice Calc, e ferramentas para tratamento de visualizações como o Paint para recorte e edição e imagens, o Tableau Public no tratamento do georreferenciamento das instituições (por cidade sede), o Many Eyes para a elaboração das Tag Clouds (nuvem de expressões) e Word Trees (árvore de palavras, utilizando as palavras mais evidentes na nuvem de expressões.), e o Sci2 para produzir uma visualização



da frequência dos termos nas referências dos artigos lidos ao longo dos anos.

#### 4.1 ENSINO

Quanto a categoria ensino, foram definidos como sub tópicos, os cursos de Graduação e Pós-Graduação.

Para a busca dos Cursos de Graduação no Brasil, foi utilizado como fonte de busca o e-mec, que é um portal governamental detentor uma base das instituições de curso superior e cursos cadastrados no MEC. Para chegar ao resultado de 4 cursos de Graduação em GI no Brasil, foi selecionada a opção busca textual, filtrando por nome do curso e utilizando o termo “Gestão da Informação” (sem aspas) no campo de texto.

Para encontrar os programas de Pós-Graduação relacionados ao objeto, foi utilizado o portal da CAPES. Ao recuperar informações sobre avaliação por grupos de pós nos editais de documentos gerais na área Interdisciplinar, foi possível encontrar uma lista de programas, dentre os quais os referentes ao objeto (12 programas) foram selecionados.

#### 4.2 PESQUISA

Como sub tópicos da categoria pesquisa, foram definidos os artigos, os grupos de pesquisa existentes na área, e as pesquisas feitas no Google. Para situarmo-nos de maneira conceitual no objeto a ser mapeado, pesquisamos o termo “Gestão da Informação” (com aspas) em fontes como a BRAPCI (Base Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação), e o portal de periódicos da CAPES, em busca de artigos que respondessem à essa necessidade.

A escolha dos artigos, foi feita pela análise do título e dos resumos dos artigos encontrados em busca daqueles que mais representassem a definição de GI na atualidade. Conquanto aos grupos de pesquisa, a fonte foi o Diretório de Grupos de Pesquisa da CAPES, a partir da busca por “Gestão da Informação” (sem aspas), filtrando por busca exata, nome do grupo, com situação certificada, resultando em 10 grupos que trabalham com Gestão da Informação mais especificamente.

Para identificar as pesquisas no Google, foi utilizada a ferramenta Google Trends, utilizando a entrada “Gestão da Informação” (com aspas) no campo de



busca, resultando em uma imagem do Mapa do Brasil com os estados que mais pesquisam Gestão da Informação no Google.

#### 4.3 EXTENSÃO

Para extensão, foi definido como sub tópico os cursos de especialização relacionados ao objeto. Foi utilizada a opção de consulta avançada no portal e-mec, selecionado a opção curso de especialização, inserindo no campo de busca do curso “Gestão da Informação” sem aspas, filtrando por presencial e não presencial com situação ativa. O que resultou em 8 cursos.

### 5 RESULTADOS

Os resultados serão apresentados em uma estrutura de perguntas, a qual o mapa do conhecimento científico pretende responder, sendo elas: O que?; Onde; Como?; Quem?

A pergunta “O que?” visa resultar respostas, que identifiquem o que está sendo estudado/mapeado, quais as características do objeto e etc.

O levantamento bibliográfico realizado com os 9 artigos selecionados, buscou identificar os conceitos de Gestão da Informação, resultando na resposta do que é GI atualmente. E como resultado foi possível identificar que a conceituação de GI está situada em duas partes, em GI como processos de tratamento de informação e em GI voltada para o conhecimento em âmbito individual e organizacional. Como Imagem 1 abaixo.

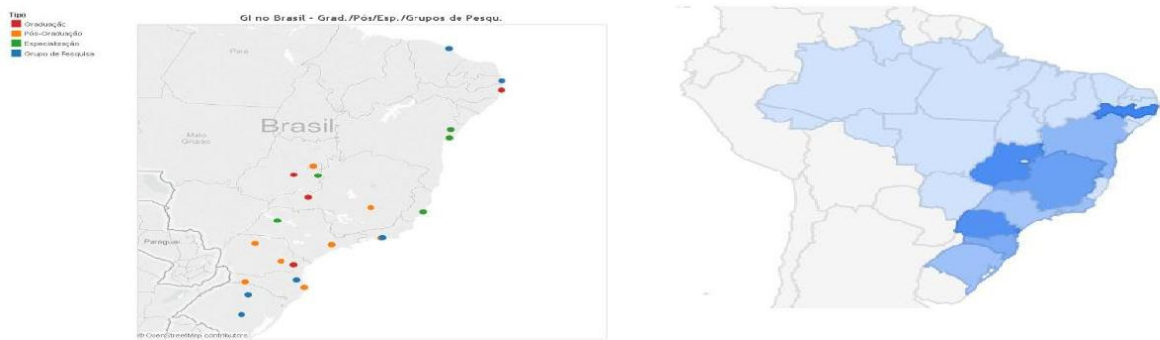


Imagem 1 – Árvore de Palavras dos Títulos dos Artigos.



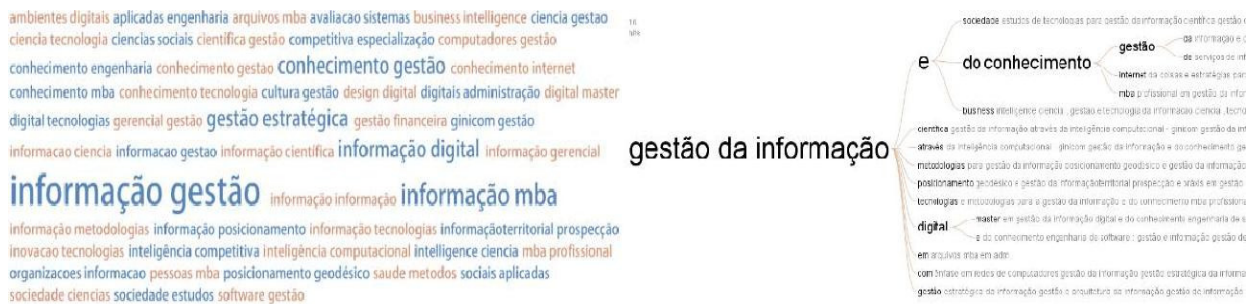


A pergunta “Onde?” é delimitada por demonstrar de maneira geralmente geográfica onde alguma coisa está. No caso, utilizando a técnica de georreferenciamento da ferramenta Tableau Public, foram obtidos dois mapas que apresentam a presença da GI no Brasil. O primeiro mapa resultante das instituições dos grupos de pesquisa, dos programas de pós, especialização e cursos de graduação, e o segundo, da concentração de pesquisas por “Gestão da Informação” no Google por estado.

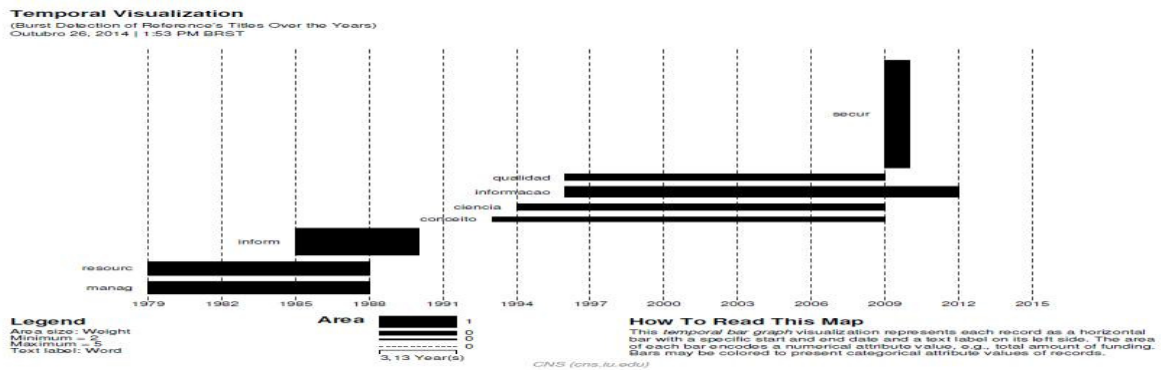


**Imagem 2** - A esquerda mapa com os cursos de Graduação, Especialização, Pós e Grupos de Pesquisa no Brasil, à direita mapa da ocorrência de pesquisas em “Gestão da Informação” no Brasil.

A pergunta “Como?” verifica de que forma a GI aparece do Brasil. Sendo assim, utilizando as mesmas técnicas e ferramentas da pergunta “O que?” nos nomes dos grupos de pesquisa, programas de pós e especialização, termos a identificação de como a GI aparece nos programas que a contém como objeto de estudo. Utilizamos também, a ferramenta Sci2 que resultou na frequência das expressões mais frequentes existentes nos títulos das referências dos artigos levantados.



**Imagem 3** – À esquerda uma nuvem de expressões e à direita uma árvore de palavras.



**Imagem 4** – Concentração dos termos nos títulos das referências durante os anos.

Por fim, a pergunta “Quem?” identifica quais os atores que compõem a GI no Brasil atualmente. E essa pergunta se responde com base em 3 agrupamentos de dados: 1 - Os autores dos artigos lidos; 2 – Quais autores das referências dos artigos tem mais representação; 3 – Os líderes dos Grupos de Pesquisas.

## 6 CONCLUSÃO

Os resultados apresentados acima espelham o que se espera de um mapa do conhecimento científico. Um conjunto de informações sintetizadas por categorias estratégicas, que buscam responder às perguntas mais frequentes em um ambiente que prove tomada de decisão utilizando uma base informacional confiável e intuitiva.

O objetivo principal desta produção foi tentar criar uma metodologia baseada no conceito de mapa do conhecimento científico que demonstrasse, em âmbito acadêmico, formas de se proceder quanto à busca e disposição de informações.

Foram expostas fontes de busca (onde encontrar), ferramentas de tratamento de dados (como organizar), e ferramentas e técnicas de visualização (como apresentar as informações), a utilização de todo este aparato ferramental e processual de transcrição da informação em agrupados estratégicos foi promovida na tentativa de gerar uma metodologia que melhor se adapte ao levantamento e exposição informacional.

Sendo assim, com base neste estudo pioneiro, identificamos de forma inicial, um tema de grande importância para meios que necessitem de gerir informação em grande escala e em contexto estratégico.



## 7 REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. B.; CARNEIRO, L. E. N. Gestão da Informação e do Conhecimento no âmbito das práticas de Segurança da Informação: O fator humano nas organizações. **Encontros Bibli**, Santa Catarina, 2013

ALBUQUERQUE, J. P. S.; LIMA, S. R. A.; QUEIROZ, F. S.; SANTANA JÚNIOR, C. A disseminação da informação no Twitter: uma análise exploratória do fluxo informacional de retweets. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 50-59, jan./jun. 2014.

ANDRADE, I. A. et al. Inteligência Coletiva e Ferramentas WEB 2.0: A Busca da Gestão da Informação e do Conhecimento em Organizações. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 1, Número Especial, p. 27-43, out. 2011.

BOYACK, K. W.; KLAVANS, R. Toward a Consensus Map of Science. **Journal of the american society for information science and technology**, Illinois, 2009.

DIAS, E. J. W.; NASSIF, M. E.; SOUZA, E. D. A Gestão da Informação e do Conhecimento na Ciência da Informação: perspectivas Teóricas e Práticas. **Inf. & Soc.:Est.**, João Pessoa, v.21, n.1, p. 55-70, jan./abr. 2011

FREITAS, M. C. V. de; SIMÕES, M. G. M. Gestão da Informação em Portugal: formação, mercado e perspectivas. **AtoZ: novas práticas em informação e conhecimento**, Curitiba, v. 3, n. 1, p. 6-11, jan./jun. 2014.

GOULART, I. B; MATTOS, M. C. Da Possibilidade de uma GIC Ampla: Reflexões entre a Ciência da Informação e a Psicologia Social. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 2, n. 2, p. 65-81, jul./dez. 2012

LOPES E. C.; VALENTIM, M. L. P. Processos de Gestão da Informação: Tratamento, Recuperação e Uso da Informação no Mercado de Capitais. **Perspectivas em Gestão & Conhecimento**, João Pessoa, v. 3, n. 1, p. 157-174, jan./jun. 2013.

MARIA, A. M. B. O campo profissional da Gestão da Informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 17, n.2, p. 172 – 187, maio/ago. 2012.

MEIRELES, M. A.; SORDI, J. O. Processo de gestão da informação em localidade com concentração de atividades da cadeia produtiva: extrapolando benefícios para o contexto do órgão gestor. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v.16, n.4, p.119-149, out./dez. 2011.